

Minas confirma primeiro caso de varíola dos macacos

Infecção foi atestada em paciente de 33 anos, que chegou da Europa no domingo. Estado ainda investiga três suspeitas. No Brasil, já são 22 registros da doença, a maioria em SP

BERNARDO ESTILAC

Com a primeira confirmação de caso da doença ontem, Minas Gerais se tornou o quarto estado brasileiro com registro de varíola dos macacos. A doença já tem mais de 3.400 ocorrências ao redor do mundo, mas, até então, não foi classificada como uma emergência global pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para o especialista ouvido pelo Estado de Minas, o avanço do vírus merece atenção.

O caso confirmado em Minas é de um homem de 33 anos, morador de Belo Horizonte. Ele chegou da Europa no domingo e teve a confirmação da infecção atestada pelo Ministério da Saúde ontem. A Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG) monitora as pessoas que tiveram contato com o paciente, mas não houve identificação de nenhum outro episódio relacionado. Além da infecção comprovada, Minas investiga três casos suspeitos, de moradores de Varginha (Sul de Minas). Pará de Minas (Centro-Oeste) e Ituz de Fora (Zona da Mata). Nenhum deles viajou ao exterior, mas vale lembrar que já há a comprovação de transmissão local da varíola dos macacos no Brasil.

Segundo o Ministério da Saúde, outros 21 casos foram confirmados no país. Minas Gerais é o quarto estado com pacientes com a varíola dos macacos, que já havia sido diagnosticada em São Paulo (14), Rio de Janeiro (5) e Rio Grande do Sul (2). Os casos com transmissão comunitária foram identificados no RJ e em SP.

A SES-MG já descartou 7 suspeitas da varíola dos macacos no estado: três de Belo Horizonte, dois de Ituiutaba, um de Ribeirão das Neves e um de Ouro Preto. Causada por um vírus da mesma família da varíola humana, a variação 'monkeypox' é

menos nociva à saúde. Os sintomas costumam ser leves e duram cerca de três semanas. Para o infectologista e diretor médico da Target Medicina de Precisão, Adelino de Melo Freire Júnior, o fato do caso confirmado em Minas ter vindo da Europa, ponto de grande disseminação do vírus monkeypox, é um fator positivo do ponto de vista epidemiológico.

"É mais simples do que os casos em investigação que não viajaram. Contrair a doença aqui sinaliza uma transmissão comunitária, quando o vírus já está circulando. É um cenário mais otimista", avalia, se referindo aos três casos que ainda estão sendo investigados no estado, todos sem viagens recentes ao exterior.

Ainda assim, o médico chama a atenção para a necessidade de monitoramento das pessoas que tiveram contato com o paciente no último dia 8. O homem está isolado e com quadro estável e as pessoas próximas estão sendo acompanhadas, segundo a Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG).

"É preciso que as autoridades sanitárias façam o rastreamento dos contatos para que a gente possa conter uma possível disseminação vinda desse caso. Como é uma doença que tem um período de incubação mais longo, é importante rastrear quem teve um contato mais próximo com a pessoa, mesmo antes dos sintomas", explica.

O infectologista ressalta que, com um trânsito intenso de pessoas entre os países, a transmissão da doença é de difícil controle. A chegada de uma pessoa com a varíola humana em BH após visita à Europa sinaliza este ponto.

SINTOMAS E TRANSMISSÃO Embora as lesões na pele sejam o sintoma mais reconhecível da varíola dos macacos, elas não são a única forma de manifestação do vírus. O infecto-

logista Adelino Freire explica que a pessoa pode ter febre, inchaço nos gânglios e mal-estar antes mesmo das feridas cutâneas, que podem nem aparecer, inclusive.

Ainda assim, o especialista destaca que as lesões são frequentes e é mais comum que elas surjam em casos da doença. "Elas podem aparecer na região genital e também em outros locais do corpo. Inicialmente são bolhas que depois evoluem para uma aparência de infecção, com aspecto amarelado, e depois ela vira uma ferida. Se parece com a lesão de catapora, porém se espalha de forma diferente".

Reconhecer os sintomas é um passo importante para que a pessoa busque atendimento médico e evite transmitir o vírus para outras pessoas. "As pessoas precisam ter consciência sobre essa situação. A doença é transmitida por contato mais próximo, gotículas, existe uma possibilidade de transmissão sexual, mas, de forma geral, o contato íntimo permite a transmissão também. Então o que tem se orientado nesse momento é importante que quem tem algum sintoma e apresenta alguma lesão de pele deve procurar um centro médico", complementa.

CENÁRIO PEDE ATENÇÃO A OMS se reuniu esta semana e não declarou um estado de atenção especial por entender que alguns critérios ainda não tinham sido atingidos, mas é uma situação que pode ser questionada e merece atenção sim", afirma o infectologista.

Adelino Freire completa destacando que o vírus não tem impacto comparável ao da erradicada varíola humana e é menos letal que a COVID-19, por exemplo. Ainda assim, o avanço da varíola dos macacos merece cuidado e a doença pode significar um risco, em especial, para pessoas imunossuprimidas.

CONHEÇA A DOENÇA

Confira o que é, como se transmite e onde a varíola dos macacos já foi detectada no Brasil

■ O QUE É
A varíola dos macacos é considerada uma zoonose viral (o vírus é transmitido aos seres humanos a partir de animais) com sintomas muito semelhantes aos observados em pacientes com varíola - doença já erradicada -, embora seja clinicamente menos grave. Há transmissão também de humano para humano. O período de incubação da varíola dos macacos é geralmente de seis a 13 dias, mas pode variar de cinco a 21 dias, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

■ TRANSMISSÃO
A doença é transmitida pelo vírus monkeypox, que pertence ao gênero orthopoxvirus. A transmissão ocorre por contato próximo com lesões, fluidos corporais, gotículas respiratórias e materiais contaminados, como roupas de cama. A transmissão de humano para humano ocorre entre pessoas com contato físico próximo, incluindo sexual, com casos sintomáticos.

■ O NOME
O nome monkeypox se origina da descoberta inicial do vírus em macacos em um laboratório dinamarquês em 1958. O primeiro caso humano foi identificado em uma criança na República Democrática do Congo em 1970. Atualmente, segundo a OMS, a maioria dos animais suscetíveis a este tipo de varíola são roedores, como ratos e cães-da-pradaria.

■ COMO EVITAR
O contato próximo com pessoas infectadas ou materiais contaminados deve ser evitado. Luvas e outras roupas e equipamentos de proteção individual devem ser usados ao cuidar dos doentes, seja em uma unidade de saúde ou em casa.

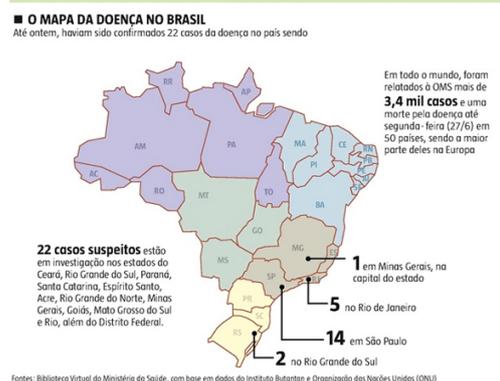
■ SINTOMAS

- Pústulas (bolhas) na pele de forma aguda e inexplicável
- Dor de cabeça
- Febre acima de 38,5°C
- Linfonodos inchados
- Dores musculares e fraqueza no corpo
- Dor nas costas e fraqueza profunda

■ DIAGNÓSTICO E CONFIRMAÇÃO
O diagnóstico é feito por exames clínicos, histórico de viagens para um país endêmico nos 21 dias anteriores ao aparecimento dos sintomas e/ou de contato próximo com possíveis infectados no mesmo período e/ou ter resultado positivo para um teste sorológico de orthopoxvirus na ausência de vacinação contra varíola ou outra exposição conhecida ao vírus. A confirmação laboratorial para o vírus da varíola dos macacos é feita por meio do exame PCR (Reação em Cadeia da Polimerase) em tempo real e/ou sequenciamento.

■ VACINAS
A vacina contra a varíola tradicional é eficaz também para a varíola dos macacos. Mas, segundo a OMS, pessoas com 50 anos ou menos podem estar mais suscetíveis, já que as campanhas de vacinação contra a varíola foram interrompidas pelo mundo quando a doença foi erradicada em 1980.

■ O MAPA DA DOENÇA NO BRASIL
Até ontem, haviam sido confirmados 22 casos da doença no país sendo



Profissional de saúde examina mãos de passageiro em aeroporto internacional na Índia: descê mato, a OMS já recebeu mais de 3.400 notificações de casos, que se espalham por 50 países

Especialista defende prevenção para evitar formas agressivas

Especialista em pox virus e integrante da Câmara POX-MCTI, a professora Giliane Trindade afirma que é importante evitar a transmissão para que não seja desenvolvida uma doença mais agressiva. Para monitorar o avanço da doença no Brasil, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) criou a Câmara POX-MCTI que conta com seis pesquisadores do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com especialistas que vão monitorar a evolução da doença na Europa e os casos confirmados no Brasil. Giliane também disse que "é um bom sinal que a contaminação do paciente tenha ocorrido no exterior, pois mostra ainda não houve uma transmissão comunitária", mas alertou que quem teve contato com o paciente nas últimas três semanas deve procurar realizar exames, principalmente se tiver entrado em contato com lesões na pele, objetos contaminados, saliva, sêmen ou outros fluidos corporais. "É fundamental o isolamento do infectado para evitar que a doença seja transmitida", afirmou Giliane. A professora disse que é importante que "os gestores sejam informados sobre a necessidade de aplicação da vacina e que haja estímulo para que laboratórios nacionais façam a pesquisa e produzam imunizantes". Já existem imunizantes para prevenir a doença, mas nenhum deles está disponível no Brasil. O vírus que causa a "varíola dos macacos" é originário da África e, neste ano, começou a ser disseminado em países europeus. Além do isolamento da pessoa contaminada, aconselha-se evitar contato com animais e fazer a higiene frequente das mãos. A doença não oferece graves riscos para as pessoas, sendo que a letalidade varia de 1% a 10% dependendo do paciente e do vírus, mas, segundo a pesquisadora, deve-se ficar atento para que a doença não se torne mais virulenta.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 13